



ISSN 2177-2940
(Online)
ISSN 1415-9945
(Impresso)

A Revolução mexicana em memórias e registros autobiográficos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v22i2.44491>

Regina Crespo

Universidad Autónoma de México, UNAM, México. E-mail: rcrespo@unam.mx

Palavras-chave: Revolução mexicana; memórias; autobiografia.	Resumo: Este artigo propõe analisar cinco relatos de caráter memorialístico e autobiográfico, escritos por personagens relacionados à Revolução mexicana: as memórias do presidente Francisco I. Madero; as memórias das campanhas militares de Álvaro Obregón; as crônicas da Revolução do general Manuel González; as memórias de Isidro Fabela e o livro do escritor Andrés Iduarte, <i>Un niño en la Revolución</i>. Além de analisar brevemente as relações entre memória e história e o caráter das chamadas "escritas de si", este artigo procurará refletir sobre o que moveu os autores a produzir os seus relatos e de que maneira contribuíram para ampliar a visão dos leitores sobre o contexto histórico em que viveram.
Key words: Mexican revolution; memoirs; autobiography.	The Mexican Revolution in memoirs and autobiographic texts Abstract: This article analyzes five autobiographic narratives, written by characters related with the Mexican Revolution: the memoirs of President Francisco I. Madero; the memoirs of the military campaigns of Álvaro Obregón; the chronicles of the Revolution of general Manuel González; the memoirs of Isidro Fabela and the book of the writer Andrés Iduarte, <i>Un niño en la Revolución</i>. Besides making a brief analysis of the relations between memory and history and the nature of the so called "writings of the self", this article tries to find what lead the authors to produce their narratives and in what way they contributed to widen the reader's comprehension of the historical context they lived.
Palabras clave: Revolución mexicana; memorias; autobiografía.	La Revolución mexicana en memorias y registro autobiográficos Resumen: Este artículo se propone analizar cinco relatos de carácter memorialístico y autobiográfico, escritos por personajes relacionados con la Revolución mexicana: las memorias del presidente Francisco I. Madero; las memorias de las campañas militares de Álvaro Obregón; las crônicas de la Revolución del general Manuel González; las memorias de Isidro Fabela y el libro del escritor Andrés Iduarte, <i>Un niño en la Revolución</i>. Además de analizar brevemente las relaciones entre memoria e historia y el carácter de las llamadas "escritas de sí", este artículo buscará reflexionar sobre lo que llevó a los autores a producir sus relatos y de qué manera contribuyeron para ampliar la visión de los lectores acerca del contexto histórico en que vivieron.
Artigo recebido em: 06/09/2018. Aprovado em: 14/09/2018.	

Em 1966, o consagrado escritor, intelectual e político Martín Luís Guzmán (1887-1976) escreveu um elogioso prefácio a *De Francisco I. Madero a Francisco Villa. Memorias de un Revolucionario*, de Luís Aguirre Benavides (1886-1976). A primeira razão pela qual Guzmán celebrou a iniciativa do ex-secretário particular do General Francisco Villa em publicar seu livro de memórias foi o fato do autor "no haber guardado silencio, porque" – como explicaria Guzmán – "como bien se sabe, muy pocos compatriotas nuestros, así se cuentan entre los más destacados por su papel político, militar, o social, escriben sus memorias, y esto al punto de que en ciertos casos se ha impuesto la necesidad de que algún mexicano escriba las 'memorias' de otro" (GUZMÁN, 1966, p. 5). Guzmán, como Aguirre Benavides, foi partícipe direto da Revolução mexicana e podemos dizer que se auto-impôs a mencionada tarefa de escrever as memórias de outro. Como narra no prólogo de *Memorias de Pancho Villa* (1951, p. 1-6), foi possível realizá-la, a partir do acesso a documentos e escritos procedentes dos arquivos do general e de sua própria presença nos campos militares da Revolução, entre 1913 e 1914, em que teve

trato pessoal com Villa.¹

Quanto a Aguirre Benevides, o bravo coahuilense não se calou, embora esperasse mais de cinquenta anos para contar em seu livro os importantes eventos políticos e militares que presenciou, como parte do *staff* de Francisco Villa. As peripécias que viveu, as dúvidas, as escaramuças, os medos e as vitórias que compartilhou ao lado de personagens como Felipe Ángeles, Álvaro Obregón, a família Madero e principalmente o seu irmão, o jovem general Eugenio Aguirre Benevides, desde o início do levantamento maderista, em 1910, até o doloroso resgate de seu cadáver após o brutal assassinato em 2 de junho de 1915, por um grupo de carrancistas. Ambos já haviam deixado as forças do general Francisco Villa, por discrepar de sua política e o general Eugenio Aguirre possuía um salvo-conduto firmado pelo próprio general Carranza para cruzar a fronteira com os Estados Unidos, quando foi capturado, roubado e executado, com mais onze militares, depois de um julgamento pífio e de fachada.

Apesar do pessimismo de Guzmán, podemos afirmar que é possível encontrar, na copiosa bibliografia relacionada à Revolução mexicana, vários textos de caráter

¹¹ Martim Luiz Guzmán foi um dos principais autores do chamado "romance da revolução". No prólogo de *Memorias de Pancho Villa* apresenta uma detalhada descrição de como redigiu a obra. Partiu dos cadernos manuscritos ditados por Villa ao jornalista e revolucionário Manuel Bauche Alcalde e de suas próprias conversas anotadas com o general. Fez uma "retradução" dos manuscritos da linguagem culta do jornalista à linguagem coloquial de Villa, para poder recuperar a sua autenticidade. Buscou dar ao texto o tom da fala do general e o seu estilo, incorporando à escrita do conjunto da narração o seu castelhano popular que era arcaico, mas nada vulgar e que, segundo Guzmán, Villa falava com uma grande intuição da beleza da palavra, Buscou respeitar a forma de falar de Villa, mantendo-se, porém, dentro do que considerava os limites do literário.

memorialístico e autobiográfico. Alguns autores registraram para a posteridade o que viveram ou observaram durante os dez anos de instabilidade e destruição inaugurados, de acordo com a história oficial, em 20 de novembro de 1910. Também recordaram e refletiram sobre a efervescente e conflitiva etapa de reconstrução nacional iniciada em 1920, durante a presidência de Álvaro Obregón. Alguns construíram seus relatos para se posicionar e justificar suas ações, vários o fizeram para questionar a conduta de outros atores e para avaliar, a partir do presente em que escreveram, não apenas o seu próprio passado pessoal, como também o passado nacional. Muitos esperaram a velhice para poder fazê-lo em paz, sem o risco dos comprometimentos políticos e as recriminações. Outros, talvez a minoria, publicaram suas memórias no calor da hora, por saber a importância de si, por ter um projeto de futuro imediato, por temas de ódio ou rancor.

O panteão dos homens célebres não seria jamais suficientemente grande para que nele coubessem todos aqueles que se sentiram merecedores de ser recordados como parte da elite política e intelectual responsável por conduzir o México por novos e melhores rumos. Muitos dos atores que participaram do processo de modernização conservadora do país – que, afinal de contas, foi o principal resultado dos anos de guerra civil e das

batalhas entre tantos grupos e facções pela hegemonia política – acabaram por encontrar seu lugar dentro de uma construção ideológica poderosa: o partido. O Partido Nacional Revolucionário (PNR), fundado por Plutarco Elías Calles em 1929 (a partir de 1938, Partido Revolucionário Institucional, PRI), foi a mais potente criação da corrente política que acabou resultando hegemônica vinte e poucos anos depois do processo político e social iniciado pelo movimento de 1910. O PNR funcionou, simultaneamente, como reprodução e força reprodutora da nova ordem nacional, calçada, ideologicamente, na imagem da Revolução. Esta, por sua vez, foi oficializada e materializada na imagem de outra instituição vigorosa no imaginário político e social mexicano: a família. A “família revolucionária” abriu os seus braços para todos: para os protagonistas dos grandes e dos pequenos feitos, para os personagens magistras e também para os personagens secundários ou figurantes, que poderiam celebrar a sua própria ação como agentes ativos ou agudos observadores dos tempos turbulentos que antecederam a esse México estável e mais otimista, liderado por um partido em que todos os seguimentos sociais possuíam um lugar. Aconchegados nas asas dessa instituição que em alguns momentos chegou a atuar com um panóptico informal e diligente, alguns puderam rememorar o passado com alguma nostalgia e menos

amargura, enquanto outros se sentiram confortáveis em republicar versões autocensuradas de suas próprias memórias.

Os caudilhos do norte – generais Carranza, Obregón e Calles – poderiam ser considerados os grandes vitoriosos, cada um deles a seu modo e em seu momento, depois de que outro nortista, o advogado Francisco Madero, escancarou – com suas ações contra a ditadura de Porfirio Díaz – o processo político e social, cujos transbordamentos não foi capaz de conter. A constelação de estrelas de primeira, segunda e terceira grandezas associadas à Revolução mexicana foi-se completando, ao longo dos anos, com uma quantidade quase inumerável de planetas e satélites. Cada agente que viveu a voragem revolucionária e a violência da guerra civil, que sentiu esperança ou se decepcionou com a política e os políticos, que participou das batalhas entre as diversas facções militares, presenciou-as ou delas ouviu falar, que atuou em momentos políticos importantes, que observou ou contribuiu para a construção oportunista de heróis e vilões, que sentiu a necessidade de celebrar ou condenar eventos e conquistas do passado, teve a possibilidade de legar às gerações futuras a sua própria experiência e suas opiniões, juízos e reflexões

sobre a "gesta revolucionária".

Sabemos que as fontes de teor autobiográfico e memorialístico representam um desafio aos historiadores, dadas as discussões que suscitam acerca de sua relação com a verdade histórica; acerca da relação entre os autores e o seu contexto, origem de classe e papel político; acerca da cumplicidade que seus autores pedem implícita ou explicitamente aos seus possíveis leitores sobre a verdade que querem fazer conhecer, sobre a sua versão dos fatos narrados, registrada como experiência própria (eu vi, senti, vivi).² Acerca, finalmente, do que a sua recepção implica para o complexo tema da construção da chamada história oficial e da invenção de tradições. De qualquer forma, com todos os seus senões, sempre representarão um caminho atraente e promissor para o estudo de fenômenos políticos e sociais complexos, pelas variadas vertentes de análise que oferecem.

As memórias e as autobiografias podem ser consideradas “escritas de si”, pensadas em função de um leitor.³ São feitas de reminiscências e sua estrutura é evocativa. Em seu relato, o narrador “presentifica” determinado momento do passado e o compartilha com um leitor futuro, porque eventual, fazendo dele uma espécie de

² A história nasceu como narração porque o narrador, ao relatar, pode garantir: "Eu vi, senti" (Le Goff, 1992, p. 9). A história-depoimento é a matriz da autobiografia. O narrador narra porque viu, porque sentiu, porque participou.

³ Memórias e autobiografias são gêneros caracterizados por diferenças muito tênues. Neste artigo, tomarei como ponto de partida a definição que cada autor selecionado decidiu adotar em seu próprio texto e considerarei a todos eles “narradores-protagonistas”.

cúmplice nessa viagem que realiza aos eventos que deseja recordar. Em sua “volta ao passado” constrói a versão dos fatos e da “verdade” que quer compartilhar, ainda que a apresente ao seu leitor, quase sempre como “a verdade”, principalmente quando o faz para defender-se ou redimir-se. Se alguns autores procuram dotar o seu relato de um sentido estético e literário, em outros essa preocupação é acessória ou inexistente.

Neste artigo analisaremos brevemente cinco relatos de caráter memorialístico e autobiográfico escritos por personagens relacionados à Revolução mexicana. Além dos registros dos presidentes Francisco I. Madero e Álvaro Obregón, veremos os relatos de três personagens que viveram a Revolução a partir de perspectivas e lugares sociais e políticos distintos. Analisaremos, inicialmente, as memórias de Manuel González, um jovem soldado que ascenderia a general de brigada, e Isidro Fabela, um jovem advogado que ascenderia a ministro, ambos vinculados às forças constitucionalistas lideradas por Venustiano Carranza. Finalmente, analisaremos o livro do escritor Andrés Bello, com as recordações da infância e do início da adolescência que viveu sob os impactos impostos à sua cotidianidade pelo processo de ruptura social, econômica e política representado pela Revolução mexicana.

O período abarcado pelo conjunto dos

textos selecionados começa nos anos prévios a 1910, com o início do movimento de oposição à ditadura de Porfírio Díaz, liderado por Madero, que os recorda em suas memórias, para alcançar o assassinato de Carranza, em 1920 e os primeiros anos do governo de Álvaro Obregón, lembrados por Bello, já adolescente. Existe na maioria dos textos uma especial atenção ao período de 1910 a 1915, marcados pelo levante maderista, pelo golpe de Estado levado a cabo por Victoriano Huerta, pela guerra contra ele e, finalmente, pelos conflitos militares e políticos entre as forças de oposição a Huerta.

Há uma série de características em comum entre os relatos selecionados: seus autores compartilham uma preocupação nacional. Todos possuem um projeto de país. Vislumbram direta ou indiretamente um futuro específico para o México. E, de uma maneira ou outra, partem do mesmo cenário inicial. O pano de fundo é o porfiriato, anunciado geralmente como um cenário decadente, ávido por mudanças. As mudanças serão frutos necessários da Revolução, ainda que esta não seja pensada da mesma maneira por todos os que a defendem.

A construção narrativa da vida que se representa no relato autobiográfico ou memorialístico dos textos selecionados está delimitada por várias balizas: personagens-referência, eventos e situações, objetivos e propósitos. O âmbito micro da vida pessoal do

narrador-protagonista se mistura eventualmente com o âmbito macro dos acontecimentos nacionais. O narrador-protagonista recorda e reconstrói o que viveu. Impõe a si mesmo espaços de silêncio e censura. Muitas vezes deixa para o âmbito informal das cartas, para o tempo transitório dos artigos de jornal ou para os documentos oficiais perdidos nos arquivos históricos as afirmações e temas comprometedores que não gostaria de ver perpetuados em sua história de vida, eventualmente idealizada, heroicizada.

Procuraremos refletir principalmente sobre o que moveu os autores a produzir os seus relatos e de que maneira contribuíram para ampliar a visão dos leitores sobre o contexto em que viveram.

O apoio das memórias na construção do mártir

Francisco I. Madero escreveu um breve texto de memórias entre 1909 e 1910. O relato tem menos de cinquenta páginas. Madero o inicia no dia primeiro de janeiro de 1909, recordando que muitos grandes homens se dedicaram a escrever um diário para anotar os acontecimentos mais importantes de que participaram ou testemunharam. Para este seguidor do espiritismo kardecista e dos princípios evolucionistas da reencarnação, os verdadeiros homens célebres deveriam ser modestos, ativos, sóbrios, trabalhadores e abnegados. Só os detentores de tais virtudes

seriam realmente capazes de lutar pela transformação social. Madero redige seu texto, reivindicando indiretamente seu lugar nesse grupo de escol. Sua abnegação, tenacidade e sobriedade levaram-no a ver a necessidade de vencer o regime de poder absoluto que tomara conta de seu país há décadas e a reforçar sua decisão em lutar pela causa do povo mexicano na conquista de seus direitos. Madero declara que esta decisão o levará a ser o ator principal de muitos acontecimentos ou, pelo menos, a ocupar a posição de um expectador bem informado. Suas palavras, além de uma humildade que soa mais retórica que sincera, têm um certo caráter visionário:

No tengo la pretensión de ser un gran hombre, pero sí aspiro a imitar su ejemplo: para lograrlo, sólo se necesita considerar, más altos que los intereses particulares, los grandes intereses de la Patria y abrazar una causa noble con entusiasmo y abnegación. El éxito determinará si se pudo igualar a los hechos de los grandes hombres para figurar entre ellos, o si por falta de inteligencia, se conquistó un fracaso, en cuyo caso se llegará a ser uno de tantos mártires que sucumben en defensa de sus ideas (MADERO, 1956, p. 12-13).

Podemos pensar que o lugar de mártir destinado a Madero no panteão dos heróis da Pátria teve seus alicerces construídos por ele mesmo em suas páginas de memórias, especialmente nesse breve “Prólogo” (MADERO, 1956, p. 11-14), em que o autor se dedicou a justificar sua decisão de escrevê-las, antevendo, simultaneamente, não só o seu

papel na transformação do país, como o seu eventual fracasso pessoal na conquista de tal missão. Para respaldar essa perspectiva, Madero redigiu meticulosamente uma seção biográfica capaz de respaldar junto ao leitor uma imagem proba e correta de si. Em “Mis recuerdos” (p. 14-34), o futuro líder da Revolução mexicana reconstituiu com rigor de detalhes seu passado pessoal, a partir de seu nascimento (no dia 30 de outubro de 1873, na Fazenda El Rosario, no município de Parras, Estado de Coahuila). Rememorou, com cores bucólicas, pueris e sentimentais, a infância, sua formação escolar, as viagens à França e Estados Unidos. Enfatizou seu crescimento existencial, intelectual e espiritual, marcado pelo descobrimento do espiritismo, em Paris, e sua vida afetiva, que culminaria no celebrado vínculo matrimonial com Sara Pérez, sua companheira no périplo político que decidira empreender. Todos esses detalhes biográficos, costurados de maneira confessional, dariam ao relato humanidade e caráter, possibilitando que o seu autor pudesse chegar, finalmente, ao tema que definia como primordial e cerne da narrativa: o seu compromisso político.

Em duas breves páginas, escritas na Cidade do México em 17 de maio de 1909 (MADERO, p. 34-35), Madero anuncia a “causa política” que iniciara em outubro de 1904. A fundação do Clube Democrático Benito Juárez, em San Pedro de las Colonias, havia sido a culminação de um trabalho

político liderado por ele, com o propósito de lançar ao governo de Coahuila, seu estado natal, um candidato opositor ao indicado pelo governo porfirista. A narração só seria retomada no dia 20 de setembro de 1910, em San Luís Potosí. No primeiro parágrafo (p. 35-36), o narrador se desculpa: a dificuldade de tomar notas diariamente, a diversidade de tarefas e a constante tensão de ânimo necessária para decidir e resolver problemas da organização do Partido Antireeleccionista (recordemos que Madero o fundara, em 1909), dificultavam a tarefa do registro metódico das memórias. No entanto, era necessário escrevê-las e, antevendo o seu interesse histórico, Madero dedicaria as últimas 25 páginas de seu relato a recordar o processo de construção do que poderíamos considerar como a primeira etapa da oposição ao governo de Porfirio Díaz, com detalhes relacionados à fundação dos clubes independentes, à elaboração de um projeto político alternativo para o estado de Coahuila, à criação do Partido Antireeleccionista e à própria projeção de Madero como líder político nacional.

As memórias param abruptamente aqui. Evidentemente, a urgência da ação se sobrepôs à sistematização dos apontamentos e impediu o necessário recolhimento associado ao registro das reminiscências. Madero já não pode retomá-las. O turbilhão da política sequestrou o seu tempo e a morte o apanhou, em 22 de fevereiro de 1913, já no exercício

legítimo da presidência da república, a mando de Victoriano Huerta, e dos grupos e setores sociais golpistas que o apoiaram.

Há um certo teor hagiográfico nos registros que se criaram sobre Madero, depois de sua morte. A partir de seu surgimento no cenário político nacional e durante o seu breve governo, Madero foi ridicularizado por grande parte da imprensa conservadora, reflexo de uma sociedade tradicionalista, patriarcal e machista. Assumiu abertamente o espiritismo, era vegetariano, baixo de estatura e não tinha filhos, elementos que o tornaram um alvo fácil para a ridicularização, instrumentalizada pelos setores descontentes e temerosos de qualquer possível perda de privilégios ou *status* social que sua ação política pudesse representar.⁴ Também foi duramente criticado por alguns de seus aliados, que o viam como demasiadamente brando em suas decisões (e isso acabou por fortalecer a aura de complacência e generosidade que se construiu, posteriormente, ao seu redor). Embora a

análise de seu programa político e de sua conduta errática na presidência não conduza muito além de uma avaliação mais complacente que a de um político burguês, com uma pauta reformista e não revolucionária,⁵ depois de seu assassinato, Madero acabou sendo aclamado por muitos como mártir e inclusive como o apóstolo da democracia. Ainda que, como mencionou Adolfo de María e Campos, prefaciador e organizador da edição de 1956, *Minhas memórias* só tenha sido publicado integralmente duas vezes, em 1920 e em 1922 (MADERO, 1956, p. 8), podemos supor que contribuiu para a construção da imagem impoluta e, em certo sentido, ingênua, do herói fundador do novo México, que surgiria depois da longa ditadura porfiriana.

Entre os relatos memorialísticos e autobiográficos consultados existe um inquestionável consenso acerca do apostolado de Madero e, também, entre vários autores, um quê de condescendência ao “santo laico” que

⁴ Um exemplo paradigmático nesse sentido foi José Juan Tablada, consagrado poeta mexicano porfirista que, por sua defesa à velha ordem, declarou-se inimigo de Madero. Tablada publicou terríveis sátiras contra Madero e o Partido Antireeleccionista. A mais importante foi *Madero-Chantecler. Tragicomedia zoológico-política de rigurosa actualidad en tres actos y en verso*, que publicou em 1910, sob o pseudônimo Girón de Pinabete, Alcornoque y Astrágalo (TABLADA, 1981). Tablada apoiou o golpe de Huerta, colaborou com seu governo e, depois de sua derrota, atacou Carranza e teve que se exilar nos Estados Unidos, até conseguir o seu perdão. Nas memórias (*La feria de la vida* e *Las sombras largas*) e em seu *Diário*, podemos acompanhar a trajetória de Tablada. Nas primeiras, com um rigor calculado, visando à construção da sua imagem para o futuro; no segundo, com a informalidade e o descuido naturais de um veículo que não está escrito inicialmente para ser publicado.

⁵ Não podemos esquecer que, para Emiliano Zapata e seus seguidores, Madero foi um traidor. Os zapatistas não o reconheciam como líder da Revolução e nem como presidente do país por, segundo eles, haver traído os princípios da Revolução, ao não restituir as terras roubadas aos camponeses pelos grandes fazendeiros, como prometera no terceiro parágrafo de seu Plano de São Luís Potosí. Em 25 de novembro de 1911, os zapatistas lançaram o Plano de Ayala, em que propunham uma interessante e avançada reforma agrária não aceita por Madero, que acabou enviando as tropas federais para reprimi-los, numa guerra sangrenta que o general Felipe Ángeles conseguiu atenuar (SILVA HERZOG, 1986, p. 257-261).

não soube governar, pela doçura de seu caráter.

A imagem do Primeiro Chefe desenhada por outras plumas

O general Venustiano Carranza, um dos primeiros a levantar-se em armas contra Huerta, não deixou memórias. No entanto, sua saga – cuja etapa mais importante se iniciou quando ocupou o posto de Primeiro chefe do Exército Constitucionalista, que surgiu para combater o governo de Victoriano Huerta, e continuou, quando assumiu a presidência do México – foi narrada de várias maneiras, em vários tons, por alguns personagens que o acompanharam, de maneira mais ou menos próxima, com mais ou menos simpatia. A partir de plumas alheias se foram construindo retratos do Primeiro Chefe e, principalmente, do conturbado período em que atuou.

Em *Con Carranza. Episodios de la revolución constitucionalista (1913-1914)*, publicado como livro, em 1933, o general Manuel W. González (1889-1956) relatou, em crônicas amenas, suas recordações de quando fez parte do Exército Constitucionalista e, entre outras ações, assinou o Plano de Guadalupe, lançado por Carranza contra o governo de Victoriano Huerta. Carranza aparece aqui como um personagem imponente, quase inacessível, porém e talvez por isso, capaz de unificar as forças comprometidas com a causa revolucionária contra seus usurpadores:

"Carrancistas" nos llamaba el enemigo y el indiferente. Mal aplicada la denominación, pues nosotros veíamos en don Venustiano al abanderado, al símbolo del principio constitucional, despedazado y hollado por la bota rufianesca y sangrienta del militarismo, encarnado en la figura de simio de Victoriano Huerta y de sus secuaces. (GONZÁLEZ, 2015, p. 55)

As recordações do general González, maderista de primeira hora e soldado fiel nas tropas de Jesús Carranza, irmão do Primeiro Chefe, mostram ao leitor o cotidiano das tropas e os movimentos dos combates. O narrador descreve com graça e riqueza de detalhes as batalhas, as ações heróicas, recorda os companheiros caídos. Ao mesmo tempo, à medida em que avançam os anos de guerra, vai organizando a trama das transformações na correlação de forças do panorama militar e, principalmente, político nacional. No que concerne especificamente ao Primeiro Chefe, constrói habilmente uma narrativa cuja articulação funciona para enaltecer o personagem e, segundo o narrador, sua incontestável liderança. Ao analisar o trágico episódio da perda da cidade de Monclova para as tropas huertistas, em março de 1914, González recorda a figura do general:

Impávido, sereno, sobre su caballo prieto de combate, iba el jefe de la Revolución, sin que se alterara un músculo de su cara, cruzando por aquella zona peligrosísima, bajo el aguacero mortífero de los proyectiles huertistas, seguido por su hermano don Jesús y los estados mayores y tropas que, henchidas de confianza en él

y en su causa, no demostraban temor ni sobresalto, cuyos componentes comprendían la terrible situación que acarrearía la ocupación de Monclova por el odiado huertismo. (p. 62)

Ao prenunciar a ruptura entre Carranza e Francisco Villa, antes da vitória das forças revolucionárias sobre Huerta, González recorda o discurso do Primeiro Chefe em um banquete, antes da retomada da capital do país. Neste trecho, é interessante notar como reforça a sua autoridade de líder e como conduz o leitor – e o seduz – para compreender esse difícil momento da história mexicana e definir, no tabuleiro político, quais eram os personagens que possuíam a razão. González narra o fausto e feliz banquete e comenta que, depois de muitos discursos que recordavam os esforços vertidos até o momento e a esperança do triunfo quase realizado, Carranza,

con su voz reposada y grave habló, significando la satisfacción que sentía de ver a los leales revolucionarios que no habíamos desmayado en la terrible lucha [...] y después de dedicar un recuerdo honroso a los que habían caído en la lid contra la usurpación, terminó con éstas palabras: “pero si bien la lucha armada está por terminar pronto, no hemos triunfado aún, pues falta la lucha política, que será la más ardua, para la cimentación de los ideales revolucionarios y a ella tendremos que ir, sin desmayar, hasta vencer o perecer en la demanda”. (p. 402)

De fato, a luta política seria dura, dividiria ainda mais as facções em guerra e continuaria disseminando morte e destruição

por todo o país por muito tempo. Das suas *Andanzas con Carranza*, González deixou um registro pessoal em que o memorialista se fundiu ao cronista. Sem as preocupações documentais do historiador, com uma evidente postura militante – haja vista que, depois do assassinato de Carranza, em 1920, o autor teve que se exilar do país (GALEANA, 2015, p. 13) – González foi um carrancista. Defendeu as posições do constitucionalismo, acreditou na posição de líder moral de Carranza para governar o México e, como militar, foi sempre um fiel soldado, não colocando em questão os pressupostos do projeto do caudilho a quem seguiu até o fim e cuja memória defendeu.

Isidro Fabela (1882-1964), ministro de relações exteriores de Carranza, também decidiu registrar as suas reminiscências. Em *Mis memorias de la Revolución* (1977) narra e analisa episódios que viveu ou presenciou, relacionados principalmente à política do país, à Revolução e às suas consequências.⁶ O relato não é exatamente linear, alguns eventos se repetem, Fabela insere discursos e documentos no meio da narração, alguns episódios ganham em riqueza de detalhes enquanto outros são rapidamente enumerados. Também oferece ao leitor o perfil de alguns personagens importantes, com os quais o narrador conviveu ao longo dos anos bravos da luta militar e

⁶ Em 1916, Fabela publicou *Arengas revolucionárias*, um compêndio de discursos e escritos elaborados entre 1910 e 1915. *Mis memorias de la Revolución* foi publicado apenas em 1977, acompanhado, em 1981, de *Memorias de un diplomático*, onde aparecem os anos do trabalho fundamental de Fabela à frente da política externa de Carranza.

política, o que aumenta a riqueza da obra. Fabela foi um homem da Revolução, ardente defensor de Madero, duro opositor de Huerta, colaborador e seguidor incondicional de Carranza, crítico de Obregón e Calles. Viveu, observou e avaliou as circunstâncias do México a partir da posição política que assumiu e, evidentemente, dos postos de poder que ocupou.

Na introdução de *Mis memorias*, Fabela afirma que as memórias são algo muito pessoal do escritor: formam parte do seu ser, sentimentos, ideias e caráter. Além disso, são um reflexo de sua existência que passa à luz pública, como reconstrução do passado. Finalmente, para que tenham crédito, necessitam ser espelho da verdade. Para Fabela,

La historia se hace con documentos y testimonios [...]. Si los actores o testigos de una revolución no contribuyen con sus recordaciones y papeles a reconstruir el pasado [...] ni aportan sus juicios explicando las causas de los acontecimientos sucedidos y los motivos que tuvieron para obrar de la manera que obraron; [...] si por negligencia o por

temor a la crítica se llevan a la tumba sus memoranzas, cargarán con una seria responsabilidad ante las generaciones venideras [...]. (1994, p. 81)

Muito embora suas memórias não viram a luz durante a vida do autor, Fabela afirma não haver fugido a tal negligência e, partindo do pressuposto de que suas memórias pertenciam “más a la anecdótica que a la historiografía”, deu-se à tarefa de recordar o que viveu e testemunhou, para “ilustrar el dramático periodo de nuestra vida política, convencido de que la generación presente y [...] la juventud tienen un palpitante deseo de acercarse más y mejor, al medio, a los personajes, a la justeza y a la anecdótica de la Revolución mexicana (1994, p. 81).⁷

Advogado promissor, membro do célebre Ateneu da Juventude,⁸ Fabela se uniu primeiramente ao maderismo e foi eleito deputado federal. Enviado ao estado de Chihuahua pelo próprio presidente Madero para ser Oficial maior do governador Abraham González, recordaria em *Mis memorias...* a sua relação com o generoso e afável González e as

⁷ É importante notar que Fabela anunciara suas memórias desde 1916, com o título *Peregrinando con Carranza (Mis memorias de la Revolución mexicana, 1913-1915)*, o que denota que possuía um projeto memorialístico consciente e planejado. O título escolhido para o livro que nunca publicou não deixa de ser significativo. A obra traria as memórias do seu “peregrinar” sagrado com um heróico Carranza.

⁸ O grupo surgiu em 1907, como uma sociedade de conferências. Em 1909, passou a chamar-se Ateneu da Juventude e, em 1912, presidido por José Vasconcelos, mudou o seu nome para Ateneu do México. Teve entre seus membros a Alfonso Reyes, Antonio Caso, Pedro Henríquez Ureña, Alfonso Cravioto e Martín Luís Guzmán. Formados no porfiriato, os ateneístas representaram uma ruptura no corpo até então monolítico da cultura porfiriana. A aparição do grupo rompeu com a hegemonia dos chamados “científicos”, que respaldavam o ditador com a legitimidade da teoria positivista spenceriana e do darwinismo social. Em sua maioria, os ateneístas eram de classe média. Alguns, como Vasconcelos, Guzmán e o próprio Fabela, enveredaram pelos rumos da Revolução com Madero e depois com Carranza e Villa. Outros foram funcionários de Huerta e, por isso, foram estigmatizados. Vários se incorporaram posteriormente aos governos dos presidentes Obregón e Calles.

impressões desagradáveis que sentira ao conhecer Victoriano Huerta, então chefe das forças armadas em Chihuahua. Lembraria que Huerta mandara assassinar González imediatamente depois do golpe de Estado e que ele mesmo teve que fugir das garras dos huertistas, escapando do país, como narrou de maneira épica em *Mis Memorias...*, até conseguir incorporar-se aos serviços do general Venustiano Carranza, no norte do México. Não seria o único a fazê-lo, já que, segundo ele, vários jovens companheiros seus “dejaban la patria en pos del mismo ideal redentor que habría de congregarnos, al principio de la Revolución, a la vera del hombre que representaba la ley y la dignidad nacional, don Venustiano Carranza” (FABELA, 1994, p. 184).

A imagem de Carranza como a personificação da autoridade moral da Revolução se mantém como uma espécie de fio condutor das memórias de Fabela. A lealdade do jovem revolucionário ao “Primeiro chefe” se mistura à admiração que demonstra pelo seu projeto nacional, que recapitula a partir da rememoração cerimoniosa de um diálogo que tiveram em uma manhã perdida em Álamos, Sonora. Nele, Carranza explanava ao seu jovem futuro ministro de relações exteriores sobre como pretendia levar adiante a Revolução, depois de derrotado Huerta e concluída a luta armada: “cambiar las instituciones, [...] substituir las autoridades por

otras nuevas; establecer nuevas costumbres y relaciones entre gobernantes y gobernados; [...] mejorar las tristes condiciones en que vive el peón del campo, el obrero de las fábricas y de las minas [...] (1994, p. 261).

O jovem interlocutor escutava o Primeiro chefe e este lhe pareceu “el profeta de nuestro movimiento reivindicador, dictando el decálogo de la nueva patria mexicana”. Carranza era o homem “señalado para cumplir los destinos de México, con su gran autoridad, prestigio, voluntad acerada y patriotismo. Tenía capacidad para realizar la obra que Madero no pudo llevar a feliz término y que la nación requería con apremio” (p. 262).

Fabela acreditava na capacidade de Carranza em vencer o usurpador Victoriano Huerta, dirigindo o Exército Constitucionalista. Sabia de sua habilidade em manter o apoio dos generais Obregón e Pablo González, depois da ruptura com o “bárbaro” Pancho Villa e sua Divisão do Norte, mas também tinha consciência da importância de seu próprio papel como ministro e de sua proximidade com o Primeiro Chefe. Fabela narra dois episódios curiosos. O primeiro ocorreu quando, já ganha a guerra contra Huerta e imposta a rendição incondicional ao exército federal por Carranza, o ministro plenipotenciário do Brasil, Cardoso de Oliveira, representante dos interesses dos Estados Unidos no México, tentou renegociar a incondicionalidade da rendição. O

representante ameaçou Carranza com o não reconhecimento dos governos do Brasil e dos Estados Unidos à sua liderança e somente a ação diplomática de Fabela e do representante pessoal do presidente Wilson conseguiu evitar um conflito político (FABELA, p. 409-413). O segundo ocorreu em Chihuahua, quando um conhecido de Fabela intercedeu junto a ele pedindo a permissão de dom Venustiano para assassinar a Pancho Villa, porque esse “hombre primitivo que no tiene ley ni respeta a la persona humana, ni a la propiedad” poderia trair a Revolução e seus ideais (p. 415). Fabela, que respondeu por Carranza, negando ao potencial assassino a autorização, reproduz ao leitor a conversa que teve com o primeiro chefe posteriormente sobre o ocorrido, recordando como Carranza era enfático em não tolerar os assassinatos e em defender a mais estrita moralidade da Revolução (p. 416).

A preocupação em dar a Carranza e a si mesmo uma legitimidade e uma espécie de republicanismo que os distinguissem de outros grupos em pugna durante o período é patente na forma sutil com que Fabela desqualificava os adversários, com a pecha de traidores quando divergiam das decisões dos constitucionalistas, sem no entanto buscar as razões pelas quais as divergências surgiam. De maneira, por assim dizer, diplomática, Fabela construiu seu relato memorialístico, omitindo detalhes, preservando questões de Estado e deixando muitas interrogações entre os leitores

mais curiosos.

Um relato sobre o México revolucionário em que a figura de Carranza continuou aparecendo de maneira imponente, é o do escritor tabasquenho Andrés Iduarte Foucher (1907-1984). Iduarte não se apresentou como um protagonista genuíno da Revolução mexicana, já que, como dizia o próprio título de seu livro de memórias, era *Un niño en la Revolución* (IDUARTE, 1954). No entanto, em seu relato, escrito entre 1937 e 38, na Espanha, e publicado em 1951 (AVILÉS FÁBILA, 2012, p. 27), o conflito não funcionou como um mero pano de fundo para suas reminiscências. Iduarte conseguiu estabelecer uma relação profunda entre a sua vida pessoal e o advento e o desenvolvimento do acontecimento mais importante do século vinte mexicano. Percebe-se, em toda a narrativa, uma defesa velada dos vínculos existenciais do narrador com o país. O adulto recordaria as vivências do menino, oferecendo aos leitores do futuro um passado que, para ele, começaria a se transformar com a chegada do que chama de “prelúdios revolucionários” a Tabasco, seu estado natal, apenas quatro anos depois da eclosão do movimento no centro do país.

Sua primeira infância, na redoma de uma família abastada, vai, paulatinamente, transformando-se, com a perda do *status* da família, dividida por questões ideológicas locais e nacionais, e condenada pela

perseguição política sofrida por seu pai, um juiz incorruptível. As fugas devidas ao temor à violência das tropas huertistas e depois carrancistas, as mudanças de cidade, a falta de dinheiro e, finalmente, a chegada da família à cidade do México em busca da cura impossível para a irmã, enferma de gripe espanhola, vão sendo contadas pela voz surpresa do menino provinciano que vai crescendo em meio às transformações do país.

Para o jovem narrador, a Revolução é algo brutal. Em 1914, na província, seus pais foram discriminados, sua casa foi saqueada, a biblioteca arduamente montada por seu pai foi arrasada e o povo perdera a confiança em seus chefes. “No son revolucionarios, sino robolucionarios”, chegou a escutar de um vendedor. E, para “roubar”, ouviu a empregada de sua família dizer “carrancear”. “El apellido de don Venustiano hombre honesto, resultaba víctima de la corrupción de sus servidores” (IDUARTE, p. 97). Em 1920, na cidade do México, aos treze anos, percorria a pé o longo caminho entre sua casa simples, num bairro popular, e a escola. As casas dos generais e advogados, pais de seus colegas, eram todas enormes e luxuosas, resguardadas por pistoleiros. A Revolução, para Iduarte,

materializa-se nas bravatas dos colegas, que ostentavam roupas e bens de luxo que seus pais “revolucionários” lhes compravam. O mote, entre os meninos era “Tener poder para poder tener.... ” (p. 109).

Iduarte recorda o assassinato de Carranza, em 21 de maio de 1920, quando rumava, com grande parte de seu ministério e respectivas famílias, da Cidade do México ao porto de Veracruz, onde pretendia instalar a sede do governo nacional.⁹ Com a morte de Carranza “eran otros los que venían desde Sonora a mandar” (p. 110).¹⁰ Em sua escola de elite suspenderam as aulas enquanto a geopolítica da “revolução” se modificava frente à passividade da maioria:

fusilaron al papá de Menganito y al de Zutanito; pero, en cambio, el de Fulanito ahora es más que antes, y va a ser ministro [...] Noticias, todas, poco edificantes y muy trágicas, pero que yo ya sabía recibir con indiferencia mexicana. [...] Se murieron los papás de algunos niños, y éstos se fueron del colegio. Volvieron más felices los hijos de los papás que ganaron, algunos con coches más grandes y más nuevos... (p.110)

Segundo o relato, o enterro de Carranza foi comovedor. O adolescente, junto a um colega, acompanhou o cortejo durante algum tempo. Tempos atrás vira o presidente num

⁹ Após a promulgação da Constituição de 1917, em dezembro do mesmo ano, Carranza foi eleito presidente do México. Ao se aproximar o término de seu mandato, Carranza buscou impor como seu sucessor o engenheiro Ignacio Bonillas. O general Álvaro Obregón não aceitou tal decisão e se levantou em armas, com o apoio de outros atores importantes, como os generais Calles e De la Huerta. Ao perder o apoio do exército para as novas facções que se organizaram contra ele, Carranza decidiu transferir o governo a Veracruz, mas foi assassinado no caminho.

¹⁰ Iduarte alude aos generais Álvaro Obregón, Adolfo de la Huerta e Plutarco Elías Calles.

desfile em carro aberto, “erguido, fuerte, apuesto y digno, con la mano en su hermosa barba. A mi lado un hombre malencarado murmuró: ‘Viejo hijo de la...’” (p. 111).

O jovem narrador se rebela contra a morte do velho presidente: na Revolução havia homens tão bons como ele, tão bons como seu pai, sacrificados por serem bons. Afinal de contas, o que era a Revolução? O dilema aberto pelas contradições experimentadas na sua vida cotidiana, enunciado nessa recordação e potenciado pouco tempo depois com a morte prematura de seu pai, levará Iduarte a colocar em cheque todo o movimento de ruptura e transformação do país e defender a ordem porfiriana, idealizando o ditador, por vê-lo como bom e virtuoso, sem reconhecer, então, que se submetera ao imperialismo estrangeiro e que abandonara os indígenas, apesar de sua própria origem social e étnica zapoteca, sendo “voluntaria ou involuntariamente um instrumento de la injusticia secularmente organizada” (p. 125).

Os dois últimos capítulos são, por assim dizer, uma espécie de resumo do processo simultâneo de perda da inocência do adolescente rumo à idade adulta e de sua iluminação acerca da realidade nacional e da natureza da Revolução mexicana sobre a qual, agora sim, poderia ter um juízo mais claro. Iduarte recorda seus anos na famosa Escola Nacional Preparatória, sob a direção de Vicente Lombardo Toledano, durante a gestão

de José Vasconcelos como Ministro de Educação Pública, ambos funcionários públicos da Revolução. O jovem sentia a necessidade de “un movimiento que limpiara a la Revolución de sus manchas y de sus corruptores” (p. 124) e foi abrindo seus olhos, mais que nas aulas, nas conversas com seus colegas nos corredores e nas ruas, na leitura de jornais e, principalmente, nos conflitos dentro de sua própria família tabasquenha, sempre dividida em termos políticos.

Pelas mãos de um velho maderista, ex-governador de Tabasco, agora diretor da Biblioteca do México (cargo que recebera de Obregón, depois de haver sido marginalizado durante anos por Carranza), Iduarte conheceu e transformou-se num fervoroso admirador de Madero. “La bondad del hombre puro me arrancaba lágrimas” –recordava – “Su sacrificio, gritos. ¿Cómo era posible que yo hubiera vivido sin conocer su altura moral?” (p. 129). Com os livros que lhe indicou o velho Manuel Mestre Ghigliazza, fez uma bibliografia. Com sua leitura, concluiu que era maderista e liberal:

No podía yo ser, por ello, ni carrancista ni zapatista. Mucho menos villista. Y muchísimo menos obregonista y callista, partidos que estaban en el poder, a los que yo consideraba burladores del sufragio, llenos de caballeros de industria que nos vendían al banquero yanqui con los

tratados de Bucarelli.¹¹ Pero entonces supe que la Revolución había sostenido principios sagrados, que yo había bebido –sin saberlo– en sus mismas linfas, y que había tenido santos, caudillos e ideólogos que merecían más la miración que don Porfirio. (p. 129)

Um dia, não teve coragem de receber um companheiro da escola em seu quarto, pois ainda tinha na parede o retrato de Porfirio Díaz. Pouco depois o retirou e alguém o levou de sua casa. O pequeno livro chega à sua conclusão: "Era un ciclo que se cerraba: mi acción rebasaba ya el marco escolar y era, a un tiempo, el epílogo de la existencia escrutadora del niño y el preámbulo de la vida agitada y dolorosa del hombre" (p. 133).

Memórias para o futuro: entre campanhas e combates um projeto de poder

Em maio de 1917, o general Álvaro Obregón publicou um livro de cerca de 800 páginas e muitas fotografias, com o registro das suas campanhas militares, realizadas entre 1910 e 1915. Um relato que pretendia ser objetivo e técnico, aparentemente sem espaço para

grandes reminiscências, ainda que claramente produzido para garantir para a posteridade sua visão dos acontecimentos que protagonizou.¹²

Na introdução de seu livro, cujo título completo da edição de 1917 não economizava palavras para descrever a saga de seu autor – *Ocho mil kilómetros en campaña. Relación de las acciones de armas, efectuadas en más de veinte Estados de la República durante un periodo de cuatro años por el C. General Álvaro Obregón y descritas por él mismo*¹³ – Obregón afirmou: “este libro está escrito fuera de toda jurisdicción literaria; en cambio, la verdad controla cada uno de sus capítulos”.¹⁴ O autor prosseguia:

Protesto que mi vanidad no ha ejercido influencia sobre mí en esta ocasión; pues ella me haría aconsejado que, oculto tras una falsa modestia, que desconozco, hubiera proporcionado datos y documentos que sirvieran para mi obra, a un escritor quien, con lenguaje galano, habría sido pródigo en elogios para mí. (OBREGÓN, 1973, p. 3)

Ainda que procurasse evitar qualquer “lenguaje galano”, não falta ao texto,

¹¹ Iduarte se refere aos acordos firmados entre os governos do México e dos Estados Unidos em 1923 que, grosso modo, regularizavam favoravelmente para os Estados Unidos a exploração petroleira e incluíam uma compensação econômica para os fazendeiros estadunidenses prejudicados durante a Revolução. Obregón, que ainda não tinha a sua presidência reconhecida pelos vizinhos, pretendia recuperar a economia do país e, para isso, julgava importante conseguir um acordo com eles. Devido à firma desses acordos, muitos acusaram Obregón de traidor dos interesses mexicanos.

¹² O texto respeita um fio cronológico de 1910 a 1915 e está organizado em quatro partes: proêmio y antecedentes, Campaña contra Orozco, Campaña contra Huerta y Campaña contra Zapata, la Convención y Villa.

¹³ Negritas minhas.

¹⁴ Segundo Almada Bay, especialista em história militar que fez uma análise metódica do livro de Obregón, a versão do general é questionada, em vários momentos, pela de outro militar, o general carrancista Juan Barragán Rodríguez (1890-1974). Em *Historia del Ejército y de la Revolución Constitucionalista* (cujo dois primeiros volumes foram publicados em 1942, e o terceiro, postumamente, em 1974), Barragán escreve que Obregón teria opacado os méritos de outros generais, como Francisco Murguía, omitido informações importantes e inclusive mandado matar oficiais que reportara mortos em combate (ALMADA BAY, 2017).

evidentemente, a subjetivação característica da “escrita de si”, que dá aos fatos narrados o grau suficiente de proximidade e vivência para que o leitor perceba neles a experiência, o sentimento, a própria intimidade do autor. É o que ocorre, por exemplo, logo depois do “Proemio”, no breve trecho subtítulo “Cómo fui simpatizador del Señor Madero”. Nele, depois de uma breve resenha de uma página em que oferece ao leitor um panorama da situação do México, da ditadura de Porfirio Díaz, da injusta situação política, social e econômica do país, do surgimento de um partido de oposição, ao qual ele apoiava, de Madero, em quem “todos los enemigos de la dictadura reconocimos a nuestro hombre”, do início da Revolução (OBREGÓN, 1973, p. 4), Obregón se mostra ao leitor sem nenhum disfarce. E o faz, dizendo que, com a explosão da Revolução e a necessária fuga de Madero do país, o partido antirreelecionista dividiu-se em duas classes, a dos homens submissos ao mandato do Dever, que abandonaram seus lares e obrigações, para empunhar as armas, e a dos que se submeteram ao mandato do medo, que não encontraram armas, que tinham filhos, que tinham vínculos que o Dever não podia suprimir. “A la segunda de estas clases tuve la pena de pertenecer yo”, concluiria Obregón (idem).

A submissão ao medo evidentemente dará lugar à valentia e a construção do futuro caudilho poucas páginas depois. Com o triunfo

da Revolução, Obregón é eleito prefeito do município de Huatabampo, no estado de Sonora, mas as primeiras agitações da reação ao governo constitucional de Madero não se fizeram esperar. O General nortista Pascual Orozco se insurge e o presidente Madero ordena a sua perseguição. O primeiro batalhão federal é fragorosamente derrotado pelas tropas do chihuahuense. No breve trecho subtítulo “Como fui soldado”, Obregón conta como o governador de Sonora, José María Maytorena, futuro inimigo de Carranza e seu, oferece a Madero um contingente de homens armados que marchariam rumo a Chihuahua para combater o orozquismo. “El Deber me dijo [afirma Obregón]: “He aquí la oportunidad que podría vindicarte.” (1973, p. 8)

Assim, no dia 14 de abril de 1912, a frente de um batalhão de trezentos homens que recrutou, a maioria agricultores como ele, Obregón, com a patente de tenente coronel, deixou para trás seu posto de prefeito, sua fazenda e sua família (três irmãs solteiras órfãs e dois filhos pequenos que também haviam perdido a mãe).

Depois da publicação desse exaustivo registro das campanhas militares que dirigiu de maneira direta ou indireta, Obregón já não se dedicou a escrever. Três anos depois de que seu livro viu a luz, e de haver sido um êxito de vendas (ALMADA BAY, 2017), o general conquistou a presidência do México. A publicação de suas memórias de guerra certamente ajudaram a preparar o seu caminho

para isso, ao reforçar sua aura de herói revolucionário, preparado no calor das batalhas para ser o condutor dos destinos do país, fechando o ciclo da guerra e inaugurando um período de relativa paz.¹⁵

Conclusões

A decisão de Madero de registrar sua "causa política", anunciando de antemão aos leitores a possibilidade do fracasso, chama a atenção sobre o que poderíamos definir como os usos e as funções sociais e políticas da memória. Não deixa de ser curioso o fato de Madero retomar seu breve relato no dia 20 de setembro de 1910, dois meses exatos antes da proclamação do Plano de San Luís Postosí. A noção da importância de seu lugar no contexto político nacional, a percepção da relevância da construção de uma biografia coerente com o seu futuro lugar na história nacional e a necessidade de deixar registrada para a posteridade a história do movimento político de oposição à ditadura porfirista capitaneado por ele seriam motivos suficientes para o esforço do registro atropelado e abruptamente interrompido que Madero realizou.

Podemos afirmar que Álvaro Obregón foi mais feliz que Madero em sua empreitada rumo ao poder: soube aproveitar de maneira estratégica e pragmática os relatórios de guerra

que, como responsável que foi pelas campanhas militares que liderou, teve que apresentar ao Primeiro Chefe, general Venustiano Carranza. Fez de uma tarefa burocrática simultaneamente um relato autobiográfico (sem "falsa vaidade" nem "lenguaje galano"), uma carta de apresentação pública e uma peça publicitária, que consolidariam o seu futuro político como futuro presidente da república. Fabela (1977) recordaria, em suas memórias, que Obregón, ao contrário de Carranza, era simpático e conversador. Gostava de falar e sabia ouvir. O poder de mando que soube conquistar, ao deixar registrado o seu surpreendente dom de estrategista, obviamente lhe abriu espaço para construir para si uma imagem pública de autoridade extremamente eficaz. Iduarte (1954, p. 128) também lembraria que, ao contrário de Carranza, Obregón possuía sensibilidade para estimar a inteligência e sabedoria para usá-la em seu benefício. Isso se deixaria notar na própria estrutura de suas memórias de guerra, planejadas para celebrar e, principalmente, para mostrar – valorizando a narrativa, utilizando o recurso das fotos e da rememoração dos nomes dos soldados vivos e mortos em batalha – as vitórias das campanhas que liderou, os soldados que comandou, os oficiais que coordenou, a ajuda que recebeu, os

¹⁵ Durante sua presidência (1920-1924), Obregón lutou para derrotar algumas rebeliões e levantamentos. Em 1928, desobedeceu o preceito máximo da não reeleição presidencial, imposto pelo movimento maderista. Concorreu e ganhou um segundo mandato, mas acabou assassinado por um fanático religioso, José de León Toral, supostamente por desacordo à sua política anticlerical.

resultados que conquistou.

Quanto a González, Fabela e Iduarte, é interessante lançar alguns elementos para pensar sobre eles de maneira comparativa. Como afirma Galeana (2015, p. 12), entre 1930 e 1940, quando as lutas entre os revolucionários já se haviam acalmado, apareceram vários relatos sobre a Revolução. As memórias de González surgem nesse contexto, em 1933, e o seu teor mais anedótico e ligeiro parece suavizar um pouco a narrativa sangrenta e carregada de ódio, ressentimento e vingança associada tradicionalmente à literatura de guerra. González consegue, em certo sentido, humanizar a Revolução e, ao transformar as suas memórias em crônicas, aproxima um pouco mais os eventos narrados dos leitores comuns, fazendo-os mais partícipes daquilo que lêem. O trato literário que dá ao texto, ainda que não o transforma, explícita e evidentemente em ficção, permite que os leitores se envolvam emocionalmente mais com o narrado. Gera-se, nas crônicas de González, e também nas reminiscências da infância e adolescência de Iduarte, uma cumplicidade entre o narrador-protagonista e os seus leitores, o que não ocorre entre estes e Fabela, devido ao seu texto mais rígido e protocolar. Evidentemente, os três têm algo a dizer, têm a sua verdade a compartilhar com os leitores, possuem o "seu" projeto memorialístico. No entanto, os seus alcances são distintos e as suas prioridades, diversas.

O elemento mais visível, nesse sentido, é a contradição existente, em Fabela, entre o compromisso que diz assumir com as gerações futuras, ao narrar, para elas, o seu lugar no passado, e a desistência de concretar tal compromisso em vida. Um jovem que assume as responsabilidades que Fabela assumiu, ao aceitar as funções de ministro de relações exteriores de um governo itinerante, não reconhecido internacionalmente, em um país em guerra civil, sabe claramente que terá muito o que revelar para a história. No entanto, como já vimos, o projeto memorialístico que acalentava desde muito jovem, em seu "peregrinar" com Carranza, não sai à luz durante sua vida. Em 1958, Fabela doou ao povo mexicano seus arquivos, sua biblioteca e suas obras de arte. Abrigou todo este acervo em sua magnífica casa que também doou ao país, transformando-a num importante museu e centro cultural (Centro Cultural Isidro Fabela-Museu Casa del Risco). O político e o cidadão se mesclaram nesse projeto de clara entrega cívica. As memórias do revolucionário e do funcionário de prestígio guardaram um tom de discrição e de decoro, talvez para não macular a imagem do mexicano que entregou sua vida e seus bens ao país. Muito falta para entender sobre a trajetória de Fabela, principalmente quando dirigiu a importante política exterior de Carranza, em suas missões na América do Sul e na Europa. Para isso, os pesquisadores deverão preencher as lacunas

deixadas pelos diplomáticos registros do Fabela memorialista.

Andrés Iduarte viveu a maior parte de sua vida fora do México. Como já vimos, percebe-se, em toda a narrativa, uma velada reivindicação dos vínculos existenciais do narrador com o país. Tabasco é sua *patria chica*; a família, dividida em facções, uma espécie de reprodução das lutas travadas ao longo do país; a sua "perda da inocência", um passaporte seguro à vida consciente do adulto. E esta, finalmente, uma contribuição à cultura nacional, ainda que desenvolvida quase que integralmente nas cátedras estrangeiras. Entre 1951 e 1954, Iduarte dirigiu o Instituto Nacional de Belas Artes (INBA). Em 13 de julho de 1954, aceitou o pedido de Diego Rivera de velar o corpo de Frida Kahlo no Teatro de Belas Artes. Militantes comunistas cobriram o caixão com uma bandeira com as insignias da foice e do martelo. Apesar dos protestos do ministro de educação, Iduarte assistiu à cerimônia, permaneceu ao lado do féretro, junto ao ex-presidente Lázaro Cárdenas, e leu uma oração fúnebre em homenagem à pintora, em seu enterro, com o poeta Carlos Pellicer, que também declamou alguns poemas para Frida Kahlo. A reação do presidente Adolfo Ruíz Cortinez foi brutal e Iduarte foi obrigado a renunciar e deixar o país (AVILÉS FÁBILA, 2012, p. 27). A política, que tanto o surpreendeu durante a infância, fazendo-o questionar acerca do caráter dos

movimentos e dos homens, afastou-o novamente do México e o impediu de trabalhar pela cultura em sua própria terra.

Un niño en la Revolución faz parte de uma trilogia memorialística. Os outros dois volumes, menos conhecidos e celebrados, *El mundo sonriente* e *Preparatoria*, completam o retrato do artista adolescente (QUIRARTE, 2007). Iduarte foi um reconhecido professor de literatura mexicana e latino-americana e autor de obras importantes sobre Bolívar, Martí y Rómulo Gallegos. Suas cinzas descansam no México, como as dos demais autores, cujas memórias analisamos.

A necessidade de recordar, o compromisso de registrar o vivido, o observado, o desejo de legar a verdade para os leitores do futuro e oferecer a eles aquilo que não puderam ver marca a linha narrativa dos textos que comentamos e, também, as duas obras que foram mencionadas na introdução do presente artigo.

Os relatos de Martín Luís Guzmán e Luís Aguirre Benavides giram em torno do general Pancho Villa, o "revolucionário popular", o "bandoleiro", um dos grandes "perdedores" no tabuleiro das forças beligerantes que o golpe de Victoriano Huerta escancarou. Principalmente por isso complementam os textos anteriores.

Luís Aguirre Benavides e sua família apoiaram a causa antireelecionista. Eram amigos e conterrâneos da família Madero (Luis

Aguirre teve a difícil incumbência de resgatar o cadáver de Gustavo Madero, massacrado na Ciudadela, para poder dar-lhe um enterro cristão). Depois, uniram-se às tropas de Francisco Villa e é justamente esta a parte mais interessante das memórias de Aguirre. O narrador evita cair em paternalismos classistas e resgata Villa da imagem caricata com a qual os setores burgueses costumavam rotulá-lo, oferecendo aos leitores uma avaliação mais ampla do contexto nacional, em que as forças políticas e militares se moviam. Sem apologias e sem condenações taxativas, relata vários episódios em que a soberba de Carranza se chocava com o bom senso de Villa, sustentado, este, no conhecimento militar de generais que, sob o seu comando, respaldavam e legitimavam a autoridade de suas decisões.

Não gratuitamente, quem escreveu o prefácio de suas memórias foi, como vimos, o autor das "memórias" de Pancho Villa. Martín Luís Guzmán, que também esteve nas lides revolucionárias e que lutou, posteriormente, pelo resgate histórico do "Centauro do Norte" e de sua importância no panorama político, social e cultural de um México carente de transformações, foi um crítico profundo do caudilhismo sonorenses que acabou predominando na política mexicana. É possível dizer que as *Memórias de Pancho Villa* foram escritas por Guzmán, num misto de testemunho, ficção e reminiscências do próprio autor, o que coloca uma série de elementos de

discussão para os alcances e para a própria definição do conceito de "escrita de si". Mas este seria tema para um novo artigo. O importante é comprovar, com exemplos como os tratados neste artigo, como a contribuição dos relatos de fundo memorialístico e autobiográfico, com o seu caráter subjetivo, sua perplexidade e sedução, pode ser fundamental para ampliar a perspectiva dos leitores, abrindo espaço para novos olhares e, principalmente, para novas perguntas no seu confronto com o passado

Referências

AGUIRRE BENAVIDES, Luís. *De Francisco I. Madero a Francisco Villa. Memorias de un revolucionario*. México, Editor desconhecido, 1966.

ALMADA BAY, Ignacio. "Cien años de Ocho mil kilómetros en campaña. Victorias con método", México, *Nexus*, 1 de diciembre de 2017. <https://www.nexos.com.mx/?p=34817> (acesso em 23/04/18).

AVILÉS FÁBILA, René "Un niño en la Revolución". *Casa del Tiempo*, UAM, México, año IV, 53, p. 22-27. http://www.uam.mx/difusion/casadeltiempo/53_v_mar_2012/casa_del_tiempo_eIV_num_53_22_27.pdf (acesso em 13/01/18)

FABELA, Isidro, *Mis memorias de la revolución*, Toluca, Instituto Mexiquense de Cultura, 1994. Estudio preliminar de Josefina Mac Gregor.

GALEANA, Patricia "Memorias de un constitucionalista". En: GONZÁLEZ, Manuel W. *Con Carranza. Episodios de la revolución constitucionalista (1913-1914)*, México,

Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución de México/Secretaría de Educación Pública, 2015, p. 11-16.

GONZÁLEZ, Manuel W. *Con Carranza. Episodios de la revolución constitucionalista (1913-1914)*, México, Instituto Nacional de Estudios Históricos de la Revolución de México/Secretaría de Educación Pública, 2015.

GUZMÁN, Martín Luís. “Prólogo”. En AGUIRRE BENAVIDES, Luís. *De Francisco I. Madero a Francisco Villa. Memorias de un revolucionario*. México, Editor desconhecido, 1966, p. 5-9.

GUZMÁN, Martín Luís, *Memorias de Pancho Villa*. 2ª. Ed. México, Cía. General de Ediciones, 1954.

IDUARTE, Andrés, *Un niño en la Revolución Mexicana*. 2ª Ed. México, Obregón, 1954.

LE GOFF, Jacques, *História e Memória*. Campinas, 2ª. Ed. Editora da UNICAMP, 1992.

MADERO, Francisco I., *Las memorias y las mejores cartas de Francisco I. Madero*. México, Libro Mex Editores, 1956. Selección y prólogo de Armando de María y Campos.

OBREGÓN, Álvaro, *Ocho mil kilómetros en campaña*. México, Fondo de Cultura económica, Tercera reimpresión, 1973.

QUIRARTE, Vicente, "Un niño llamado Andrés Iduarte. Em: *La Jornada*, Suplemento La Jornada Semanal. México, 29 de julho de 2007.

<http://www.jornada.com.mx/2007/07/29/sem-vicente.html> (acesso em 13/01/18)

SILVA HERZOG, Jesús, *Breve historia de la Revolución mexicana. Los antecedentes y la etapa maderista*. México, 2ª. Ed. Revisada, 6ª. Reimpr. Fondo de Cultura Económica, 1986.

TABLADA José Juan. *Madero-Chantecler*, em *Obras II - Sátira Política*. Prólogo de Jorge Ruedas de la Serna. Compilação, edição e notas de Jorge Ruedas de la Serna e Esperanza Lara Velázquez. México, Instituto de Investigaciones Filológicas, UNAM, 1981.